

# A educação e o futuro

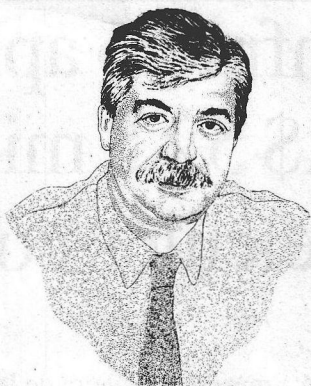
Miguel Jorge\*

**A** pesar de o Brasil ter investido em educação 5,2% do seu Produto Nacional Bruto entre 1993 e 1996, mais que a média dos países de elevado desenvolvimento humano, que têm taxa de analfabetismo inferior a 1%, 15,8 milhões de brasileiros não sabem ler nem escrever - incluídos aí o paradoxo de 2 mil funcionários públicos analfabetos, que serão alfabetizados pela Comunidade Solidária. Incapazes para qualquer ocupação, numa sociedade que tenta se ajustar à rápida reorganização da economia, às novas oportunidades sócioeconômicas e à maior eficiência da produção, esses brasileiros não têm identidade como cidadãos, nada podem fazer pelo crescimento econômico do País e são cada vez mais vulneráveis às mudanças globais.

A educação é um dos três pilares da qualidade de vida no recém-divulgado relatório de 1999 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (os outros são saúde e renda). O estudo, que propõe medidas para humanizar a globalização, coloca o Brasil na 79ª posição entre 174 países no ranking do desenvolvimento humano (os dados referem-se a 1997, quando 16% dos brasileiros eram analfabetos). No relatório de 1998, com dados de 1985, o Brasil estava entre os países de alto desenvolvimento humano, mas, com uma mudança na metodologia do cálculo do índice, voltou ao grupo das nações de desenvolvimento médio. Mantida a metodologia anterior, estaria no 60º lugar.

Mas, afinal, o Brasil melhorou ou piorou na educação? Para o PNUD, melhorou. Mesmo ainda cruel em relação ao acesso à escola, e engatinhando nos investimentos em educação, o Brasil fez o analfabetismo cair de 16,7% para 16%, a taxa de matrícula da população em idade escolar aumentar de 72% para 80% e o índice de educação crescer de 0,81% para 0,83%. Comparado com os demais países estudados, passou da 89ª para a 83ª posição. Se isso é pouco para nos nivelar às nações que fazem da educação o dinamismo de seu crescimento, como Canadá, Estados Unidos, Japão etc, é menos ainda para se vislumbrar uma perspectiva de melhora próxima, a não ser que a sociedade se mobilize contra o analfabetismo.

Enquanto todos os países do mundo preparam as novas gerações para o futuro (em média, 87,6% das crianças do planeta freqüentam o primário), o Brasil, com escassos investimentos em educação, ainda mantém um alto índice de analfabetismo - é como se o País subisse três ou quatro degraus de uma escada e, subitamente, comparado até a alguns países de desenvolvimento médio, caísse seis ou sete. Uganda, com apenas 64% dos seus adultos alfabetizados,



compromete atualmente 21,4% dos seus gastos com educação. Zâmbia, com 33,1% de adultos que sabem ler e escrever, destina 22,1% do orçamento para a educação, numa tentativa desesperada de fugir do atraso e da miséria.

Nos últimos anos, mesmo tendo aumentado a taxa de escolarização da população de 7 a 14 anos e, no ano passado, matriculado 95,8% dos jovens dessa faixa de idade no ensino fundamental, às vezes o Brasil pareceu ainda longe de constatar que ler e escrever é o passo inicial da vida diária. Mais: que a educação básica é um instrumento de eficiência para que, no futuro, todas as crianças, sobretudo as de origem pobre, contribuam para o progresso da Nação. Canadá, primeiro entre os países de desenvolvimento humano elevado, seguido pelo Noruega e pelos Estados Unidos, tem 99% da sua população alfabetizada e todos os habitantes em idade escolar matriculados.

Infelizmente, no Brasil, o caminho terá de ser mais árduo. Afinal, aprender a ler e escrever é muito pouco para tornar um país mais competitivo - no mínimo, é preciso que essa parcela da população termine a 4ª série do 1º grau, recebendo ainda uma formação profissional elementar para conseguir uma ocupação que lhe permita sobreviver com dignidade. No mundo de hoje, tecnológico e altamente competitivo, não basta construir novas escolas, inaugurá-las com bandas de música, aumentar o número de professores e fazer cruzadas do tipo "leve seu filho à escola". É necessário investir mais e melhor para tornar a escolarização formal um instrumento eficaz para dar mais empregos, renda e salários a uma sociedade econômica extremamente desigual.

Conforme economistas, como o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, nossos problemas de educação envolvem, sobretudo, recursos mal empregados, e também a desorganização da educação básica, evasão de alunos, repetência e inúmeras outras distorções que precisam ser corrigidas, pois educar é a grande reforma de que padecemos. Se, isoladamente, nossos governantes não conseguirem resolver o problema do analfabetismo, toda a sociedade brasileira, dos empresários aos líderes comunitários, precisa se mobilizar já para erradicá-lo.

\*jornalista, é vice-presidente de Assuntos Corporativos da Volkswagen do Brasil